

**A RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DA
CONJUNÇÃO ADVERSATIVA ἀλλά (ALLÁ) NO PAI
NOSSO DO EVANGELHO DE MATEUS**

Letícia Lopes Damasco

Resumo

A tradução de um texto qualquer deve levar em conta não somente os aspectos gramaticais e semânticos, mas também um conhecimento acerca da cultura da língua original e do contexto da obra trabalhada. Esta comunicação visa questionar a tradução da conjunção *ἀλλά* (*allá*), em grego, pela adversativa 'mas' em português, considerando o todo da mensagem expressa pelo Pai Nosso, o contexto, bem como outras possibilidades de usos do *ἀλλά* (*allá*) que não apenas o do caráter adversativo.

Palavras-chave - grego bíblico: traduções, cristianismo primitivo, análise comparativa.

A RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DA CONJUNÇÃO ADVERSATIVA
ἀλλά (ALLÁ) NO PAI NOSSO DO EVANGELHO DE MATEUS

Letícia Lopes Damasco

O objetivo desse trabalho é apresentar um estudo sobre o processo de tradução, levando em conta certos aspectos como as características próprias do texto e da língua e o contexto em torno do qual é produzido. Esta análise será feita a partir da prece do Pai Nosso transcrita no Evangelho de Mateus.

Primeiramente é indispensável que se explique o conceito de tradução. Pode-se defini-la como o ato de interpretar uma mensagem produzida em uma língua, a qual denominamos língua de origem e transferi-la para outra, que chamamos língua de chegada. A mensagem da língua de chegada também recebe o nome de tradução. Ocorre que há um problema nesse processo de transferência: a impossibilidade do texto traduzido apresentar precisamente a mensagem do texto original. Isso ocorre em virtude da não equivalência exata entre palavras e conceitos das duas línguas em questão. Além disso, deve-se considerar que a valorização e o significado de um texto podem variar de uma cultura para outra.

Por isso a tradução é um sistema complicado, de soluções difíceis e quase sempre inacabadas. Isto quer dizer que novos estudos e pesquisas sempre podem apontar outras escolhas e soluções melhores para a tradução de expressões e idéias de um texto. Entretanto é preciso ser fiel ao original, ou seja, manter o máximo possível a mensagem tal como foi reproduzida apesar da mudança do código lingüístico.

Vamos adotar aqui a convenção de usar termo “oração” somente para a nomenclatura gramatical que define a mensagem construída em torno de um verbo. E usaremos “prece” para se referir ao Pai Nosso.

O texto que tomaremos como base para esse estudo, o Evangelho de Mateus, foi escrito por volta do século I e II d.C. e encontra-se na língua grega antiga do dialeto da *koiné*, que era o dialeto da língua grega comum falada nesta época denominada helenística, quando a cultura grega e seus valores haviam se expandido em todo o Mediterrâneo e um pouco mais além.

A tradução em português apresentada a seguir é da Bíblia de Jerusalém (2006).

Mateus 6,9b-13

⁹(...)Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome, ¹⁰venha o teu Reino, seja feita a tua vontade na terra, como no céu. ¹¹O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. ¹²E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. ¹³E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno.

O trecho a ser discutido é o versículo 13:

¹³E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno.

O enunciado que é unido pela conjunção “mas” adversativa anuncia uma mensagem que se analisada de perto não faz sentido dentro da lógica das ações, pois a segunda oração não contraria a primeira. Essa observação nos faz perceber que pode haver um problema no enunciado exposto. A conjunção “mas” expressa uma idéia adversativa entre as duas orações apresentadas que não parece ter pelo significado que cada uma manifesta isoladamente. O primeiro passo é investigar o texto da língua original, o grego.

Mt 6, 9b- 13

⁹(...)Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς
ἀγιασθήτω τὸ ὄνομα σου'
¹⁰ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου'
γενηθήτω τὸ θέλημά σου,
ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς'
¹¹τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον
[δοῦς ἡμῖν σήμερον'
¹²καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν,
ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφει-
[λέταις ἡμῶν'
¹³καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν,
ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ.

O vocábulo grego traduzido em português por “mas” é ἀλλά. No grego, essa palavra também é uma conjunção adversativa que significa *mas, porém, entretanto*. Se pararmos por aí, concluiremos que não há problemas na tradução da Bíblia de Jerusalém. Mas a lacuna continua. Como pode “mas livra-nos do Maligno” se opor a “E não nos submetas à tentação”? A opção é fazer uma pesquisa mais profunda sobre a conjunção grega ἀλλά.

Segundo o dicionário Liddell and Scott Grego-Inglês da Oxford (1891) esta conjunção pode vir seguida de um verbo no imperativo com a função de encorajar, persuadir etc. E de fato o verbo que segue o ἀλλά está no imperativo. Então poderíamos concluir diante disso que o ἀλλά não tem, neste caso, o caráter de conjunção adversativa, mas seria antes disso, uma partícula de reforço para o pedido do verbo no imperativo.

A princípio isso explicaria e resolveria o problema. Todavia não podemos esquecer que o texto que temos em mãos, em português, traz para a tradução do ἄλλά o “mas”. Cabe ressaltar que este vocábulo usado no lugar de ἄλλά nos remete facilmente a uma contrariedade, o que leva a uma não compreensão do versículo 13 do Pai Nosso. Tal fato pode passar despercebido pelo leitor do Evangelho ou pelo fiel que o proclama, afinal, por se tratar de uma prece tradicional, formulada e memorizada, muitas vezes o seu conteúdo e significado não são refletidos pelos fiéis. É preciso encontrar explicações para a escolha do “mas” como tradução do ἄλλά.

O vocábulo “mas” da língua portuguesa tem outras funções além do adversativo como descreve CELSO CUNHA (2001) em sua gramática, entretanto nenhuma corresponde ao enunciado em questão. A melhor proposta seria mesmo a dada pelo dicionário da Oxford.

Efetivamente é completamente diversa uma mensagem onde se acha expressa uma contradição de outra em que além de não haver contradição, há ênfase no pedido. Seguir a literalidade, não é uma boa opção, pois esta tornaria o texto muito pesado, além de poder provocar erros semânticos.

Quando se trata de tradução é complicado denominá-la como certa ou errada, mas sim como uma escolha mais adequada ou não, de acordo com o significado, formato do texto e finalidade da tradução.

Deve se levar em conta também que no processo de tradução não se trata somente da mensagem ser traduzida de acordo com o contexto, sendo também fundamental considerar a estrutura do trecho escolhido. Por exemplo, ao traduzirmos um provérbio, nos diz BERMAN (2007: p.18), devemos traduzir além da mensagem, o formato do provérbio com sua estrutura curta, buscando manter tanto quanto possível o ritmo e o

comprimento nele existentes. Vale lembrar que o texto por nós analisado é uma prece, para ser verbalizada com as entonações próprias da língua oral. E o *mas* corta a intensificação final que teria se tal partícula não estivesse ali. Neste caso seria muito coerente considerarmos o ἄλλά como esta partícula de apoio para reforçar o verbo no imperativo, ou seja, para dar aquela intensificação mais acentuada ao último pedido da prece. Como ocorre em geral em discursos desse tipo.

O segundo ponto a pesquisar melhor é o contexto como um todo para observar se dentro de tais circunstâncias o enunciado em questão adversativo faz sentido. A substância da prece conforme uma nota da Bíblia de Jerusalém (nota *c* p.1713) é o perdão, a confiança, a bondade do pai e principalmente a vinda do reino de Deus e a preservação durante a prova escatológica.

Outra nota da mesma Bíblia (nota *f* p. 1713) referente à tradução do verbo εἰσενέγκης (v.13 *levar para, introduzir*) diz que o sentido permissivo do verbo aramaico supostamente usado por Jesus não foi traduzido pelo grego. Há de convir, porém, que nenhuma tradução pode ter uma equivalência exata com o texto da língua original, pois cada língua apresenta seus conceitos e significados próprios. O mais importante em uma tradução é ela ser o mais fiel possível ao texto original. O problema é que quando se trata de linguagem bíblica, a não correspondência de significados entre as palavras, termos e expressões podem causar também problemas de caráter teológico.

Assim, se aqui o sentido do verbo aramaico pode não corresponder ao do grego, conforme a nota da Bíblia de Jerusalém, podemos também supor ocorrer a mesma coisa no caso do ἄλλά, admitindo tal prece ter sido composta anteriormente em aramaico.

Nessa mesma nota ao versículo examinado se explica como sendo as duas orações finais, dois pedidos a Deus sem relação entre si: um, que nos livre do tentador e, outro, a

súplica a ele a fim de não entrarmos em tentação. Ou seja, o próprio comentarista, ao explicar o sentido do enunciado estudado em nossa comunicação, considera as duas orações como pedidos distintos sem terem qualquer relação de adversidade.

Observando bem o texto, podemos considerar a hipótese da última oração da prece, o “livrar-se do maligno”, ter sido posteriormente introduzida, como nos permite supor a comparação do Pai Nosso existente em Mateus e a conservada no Evangelho de Lucas.

Mateus 6,9b-13

⁹(...)Pai nosso **que estás nos céus**, santificado seja o teu Nome, ¹⁰venha o teu Reino, **seja feita a tua vontade na terra, como no céu.** ¹¹O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. ¹²E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores. ¹³E não nos submetas à tentação, **mas livra-nos do Maligno.**

Lucas 11, 2-4

²(...) Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso Reino; ³dai-nos hoje o pão necessário ao nosso sustento; perdoai-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos àqueles que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação.

Lc 11, 2-4

²(...)Πάτερ, ἁγιασθήτω τὸ ὄνομα σου' ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου. ³τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δίδου ἡμῖν τὸ καθ' ἡμέραν' ⁴ καὶ ἄφες ἡμῖν τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν, καὶ γὰρ αὐτοὶ ἀφίομεν παντὶ ὀφείλοντι ἡμῖν' καὶ μὴ εἰσενέγκης ἡμᾶς εἰς πειρασμόν.

Os diferenciais das duas preces estão destacados. Percebe-se claramente estar todo o conteúdo do Pai Nosso de Lucas inserido em Mateus, sem perda alguma do seu

conteúdo. O contrário já não é verdade: na versão de Mateus existem três orações a mais, não por acaso bem características do estilo mateano, senão vejamos:

- A expressão “que estás nos céus” aparece diversas outras vezes em Mateus, além do qualificativo “dos céus”, o qual nas passagens paralelas no Evangelho de Lucas aparece “de Deus”. Isto costuma ser explicado como um traço tipicamente hebraizante do texto de Mateus, o de substituir o nome “terrível” por uma metáfora.

- A inclusão das outras duas petições inexistentes em Lucas (“seja feita a tua vontade na terra, como no céu” e “mas livra-nos do Maligno”) dá ao Pai Nosso de Mateus sete petições ao invés das cinco lucanas. Pois bem, o número *sete* é outra das preferências de Mateus, como se vê em outros momentos do seu Evangelho: três séries de 2 x 7 gerações na genealogia, 7 bem aventuranças, perdoar 70 x 7, 7 parábolas e 7 petições no Pai Nosso. O número sete simboliza a perfeição.

É comum considerar ser o contexto histórico do Pai Nosso de Lucas o mais provável, enquanto Mateus reuniria acontecimentos e passagens as mais diversas no Sermão da Montanha com o intuito de dar-lhes maior destaque, destaque esse provindo do fato da montanha simbolizar uma maior proximidade com Deus. Daí ser muito mais provável constituírem as três orações um acréscimo de Mateus, e não que em Lucas haja um resumo da prece.

Mesmo depois da análise dos contextos, nos quais se acha inserida a prece mateana do Pai Nosso, isto é, o Sermão da Montanha e a sua própria narrativa evangélica, não encontramos esclarecimentos que pudessem explicar a oposição que é marcada pelo “mas” entre “livrar-se do maligno” e “não submeter-se a tentação”. Além disso, vemos que sem o “mas” as idéias contidas nesses dois pedidos parecem ter bem mais uma relação de complementaridade que de oposição, seja ela, por exemplo, de

causa e efeito, de conseqüência ou até de finalidade. E, de fato, segundo a doutrina cristã, a tentação provém do maligno.

O terceiro passo é comparar a edição da Bíblia de Jerusalém com traduções em outras línguas do enunciado analisado.

NUEVO TESTAMENTO TRILINGUE, Língua latina (2001).

¹³et ne inducas nos in tentationem, **sed** libera nos a Malo.

NUEVO TESTAMENTO TRILINGUE, Língua espanhola (2001).

¹³y no dejes caer em la tentación, **mas** líbranos del malvado.

BIBLIA SACRA, Língua italiana.

¹³e non ci indurre in tentazione, **ma** liberaci dal male.

DIE BIBEL, Língua alemã.

¹³Und führe uns nicht in Versuchung, **sondern** rette uns vor dem Bösen.

KING JAMES VERSION, Língua inglesa.

¹³And lead us not into temptation, **but** deliver us from evil.

DOUAY-RHEIMS VERSION, Língua inglesa (1989).

¹³And lead us not into temptation. **But** deliver us from evil.

LA BIBLE DU SEMEUR, Língua francesa.

¹³Garde-nous de céder à la tentation, **et surtout**, délivre-nous du diable.

Depois de observarmos estas traduções, percebemos que elas mantêm uma conjunção adversativa própria de cada língua, assim como também é em português. Então a princípio, não encontramos indícios nessa análise comparativa das traduções do

Pai Nosso, que pudessem confirmar a hipótese abordada sobre tal vocábulo não ser uma conjunção adversativa, mas ter um caráter enfático, visto que há um certo consenso quanto à escolha da tradução grega *ἀλλά*.

Contudo na versão de Douay-Rheims, o enunciado final do Pai Nosso foi dividido em duas orações diferentes. Ou seja, houve uma quebra na estrutura das orações coordenadas. Será que isto poderia indicar um reconhecimento de que a primeira oração não teria uma relação adversativa com a segunda? Cabe ressaltar que os usos e significados de um vocábulo não são limitados. O próprio “mas” tem outras funções como já foi mencionado. Do mesmo jeito poderia ser com o *but*.

Por fim, a tradução da bíblia francesa traz um diferencial: Ao invés da tradicional conjunção adversativa, aparece a expressão *et surtout* que significa *e sobretudo*. A escolha dessa expressão coaduna com a opção do *ἀλλά* enfático seguido de verbo no imperativo, se ajustando melhor a estrutura de uma prece. E também elimina o estranhamento e a não compreensão que uma conjunção adversativa produz no aspecto semântico desse enunciado. Além disso, com esta versão do Pai Nosso confirmamos que o *ἀλλά* pode, nesse caso, ter outra possibilidade de tradução. Esta tradução francesa apesar de não ser literal no que se refere à conjunção, seria fiel à mensagem, demonstrando que isto numa tradução é muito mais importante do que a literalidade das palavras.

Apesar deste levantamento prévio não ser exaustivo, a partir das questões abordadas, podemos considerar que há outras possibilidades de tradução para este vocábulo que não somente o do caráter da conjunção adversativa. Ela pode ser, por exemplo, somente um apoio para a entonação enfática da última oração. É permitido afirmar que a escolha da versão em francês *et surtout*, é uma boa opção para a tradução

deste enunciado. Em resumo são três os pontos indicados por nosso estudo a justificarem a conclusão prescrita:

1. O aspecto semântico – simplesmente as orações pelo sentido que expressam não se opõem entre si. “E não nos submetas à tentação”/ “mas livra-nos do Maligno”. Ao contrário muito mais se complementam.

2. O aspecto gramatical e estrutural – na construção *ἀλλά* + imperativo, a conjunção serve para ser traduzida como uma partícula de reforço, uma interjeição, ou pode até ser ignorada.

3. A comparação com algumas versões do Pai-Nosso em outras línguas observando que uma delas traduz de uma forma melhor o sentido da conjunção *ἀλλά* dentro do contexto.

Referência bibliográfica

AGUIAR, Ofir Bergmann de. **Abordagens teóricas da tradução.** Col. Quíron. Ed.UFG, 2000.

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa.** Companhia Melhoramentos 8ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro – SP: UnB, 2001

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo.** 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação.** SP: Contexto, 2000.

AMENÓS, Jaime Berenguer. **Gramática Griega.** Bosch, casa editorial, S.A. Barcelona. 1997.

BANSNETT, Susan. **Estudos de tradução.**

BARNWELL, Katherine. **Tradução bíblica: um curso introdutório dos princípios básicos de tradução.** Trad. Mabel Meader. Summer Institute of Linguistics Brasília DF, 1979.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática do Português.** Ed. Lucerna. Rio de Janeiro. 2005.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 7letras/PGET RJ, 2007.

Bíblia de Jerusalém. 4ª impressão, São Paulo: Paulus, 2006

BLÁNQUEZ. **Latino Español Dicionário II K-Z v. 2** Editorial Ramon Sapina, S.A. 5 ed. Provenza, 95 Barcelona.

BUSSARELLO, Raulino. **Dicionário básico Latino- Português.**

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DANA, Harvey Eugene. **O mundo do novo testamento: um estudo do ambiente histórico e cultural do NT**. Trad. Jabes Tôres 4 ed. JUERP, 1990.

Dicionário Avanzado de la lengua española. Vox, 2003.

Dicionário Grego-Português [α-δ]. v. 1 SP: Ateliê Editorial Cotia, 2006.

DIE BIBEL e BIBLIA SACRA. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/>
Acesso em: 12 fev. 2009.

DOBSON, John H. **Aprenda o grego do Novo Testamento**. Ed. CPAD

DOUAY-RHEIMS BIBLE. Disponível em <http://www.drbo.org/>. Acesso em: 12 fev. 2009, 13:36

BIBLIOTECA NACIONAL. **Evangelia Graece**. Séc. XI – XII. Original. Manuscrito. 234f. RJ

FREIRE, Antônio. **Gramática grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. **Os Gregos e seu idioma**. Ed. J. Di Giorgio e Cia. LTDA. 2ª ed. 1º tomo. RJ 1978.

KING JAMES VERSION. **The Bible**. Disponível em:

< <http://etext.virginia.edu/kjv.browse.html> > Acesso em: 12 fev. 2009, 13:53

LA BIBLE DU SEMEUR. Disponível em:

< <http://www.biblegateway.com/versions/index.php?action=getVersionInfo&vid=32> >

Acesso em: 12 fev. 2009, 14:02

LIDDELL and SCOTT. **Greek-English Lexicon**. Oxford, 1891.

NETO, Serafim Silva. **História da Língua Portuguesa**. RJ: Livros de Portugal, 1977.

Nuevo Testamento Trilingue. Edição crítica: José Maria Bover e José O'Callaghan. 5 ed. Madri: BAC, 2001.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego.** Livraria Apostolado da Imprensa. 5 edição. Porto 1976.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANM, Johannes. **Noções do Grego Bíblico – Gramática Fundamental.** Edições Vida Nova.